

## **COMPUTADORES NA ESCOLA: EDUCAÇÃO OU REGULAÇÃO ECONÔMICA?**

**SOMMER**, Luís Henrique Sommer -ULBRA- henriquesommer@uol.com.br

**GT:** Sociologia da Educação / n. 14

**Agência Financiadora:** CNPq

### **Introdução**

Este trabalho, que incorpora um conjunto de discussões que desenvolvi em minha tese de doutorado, consiste em uma incursão às primeiras experiências que articulavam computadores e educação fundamental no Brasil. A partir da perspectiva dos Estudos Culturais e tomando contribuições do pensamento foucaultiano, desenvolvo uma análise do processo de inserção de computadores<sup>1</sup> na escola fundamental<sup>2</sup> da rede pública municipal de ensino de Novo Hamburgo<sup>3</sup>, nos anos 1980.

A informatização da escola fundamental da Cidade foi fomentada por uma campanha jornalística denominada *Projeto Agora: a conquista do computador*, desenvolvida e coordenada pelo *Jornal NH*<sup>4</sup>, cujas metas iniciais iam muito além da incorporação de computadores ao currículo escolar. O *corpus* de análise da pesquisa que originou este trabalho foi composto pelo conjunto de textos da campanha, isto é, trezentas e oitenta e três edições do Jornal, no período de 13 de abril de 1984 a 27 de maio de 1986. Além disso, consultei as edições do *Jornal NH*, desde 1960, quando focalizavam o desenvolvimento de alguma campanha comunitária.

Em termos metodológicos, tomo os textos como monumentos e não como documentos (Foucault, 2000). Tal procedimento não implica em perguntar pela pretensa veracidade dos discursos, nem em postular que haja algum sentido escondido, camuflado, velado, latente, mas sim em tomá-los como ditos, na sua superfície, enquanto produtores de verdades, organizadores da realidade social. Assim, não busquei

---

<sup>1</sup> É preciso dizer que na década de oitenta o objeto *Novas Tecnologias da Informação e Comunicação* (NTIC), ou *Tecnologias da Informação e Comunicação* (TIC), ainda não existia. Nossos objetos de época (Veyne, 1982) eram *computador* e *informática*. Segundo Breton (1991), o termo *informática* foi cunhado por Philippe Dreyfys, em 1962, através da junção de *informação* e *automático*. Assim, a noção remete à informação automática, dicionarizada como “ciência do tratamento automático da informação, considerada esta como suporte dos conhecimentos e comunicações” (Michaelis, 2001) e “ciência que visa ao tratamento da informação através do uso de equipamentos e procedimentos da área de processamento de dados” (Ferreira, 1986, p. 945).

<sup>2</sup> As escolas da rede municipal de ensino eram, e ainda são, de ensino fundamental incompleto.

<sup>3</sup> Município da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo é conhecido por sua tradicional indústria calçadista cuja origem remonta aos primeiros anos do século XX. Seus elevados índices de desenvolvimento econômico, registrados ao longo dos anos por conta do setor fabril, fariam com que a cidade fosse conhecida por “*Courocap, Industrial, Manchester Brasileira* ou simplesmente a *Capital Nacional do Calçado*” (Selbach, 1999, p. 92. Grifos do autor).

um suposto significado subjacente à materialidade dos textos, pois nesta perspectiva não tem sentido qualquer tentativa de extrair dos enunciados o que é “mesmo” que os sujeitos dos discursos queriam dizer, posto que a análise se pauta pela lógica de “estabelecer as relações entre esses enunciados e aquilo que eles descrevem” (Veiga-Neto, 1996, p. 185).

Ao longo do texto procuro demonstrar a centralidade da noção de comunidade, sua forma de operar no desenvolvimento de um conjunto de campanhas jornalísticas desde os anos 1960 e sua recorrência no movimento instaurado para a informatização da Cidade em geral, e de sua escola em particular. É importante destacar que a informatização da escola fundamental da Cidade deu-se pouco tempo após o início das discussões sobre informática na educação em nível federal, que vinham sendo catalisadas, desde 1983, pelo Projeto Educom.<sup>5</sup>

### **Manifestações fantasmagóricas**

A segunda metade do século XX foi pródiga na produção e disseminação de artefatos da indústria microeletrônica. Com a domesticação das máquinas de guerra —computadores— e sua rápida popularização por conta de sua aplicabilidade nos mais diversos domínios de nossas sociedades, sobremaneira em uma dimensão econômica, as tecnologias da informação e comunicação vêm condicionando a vida de um número cada vez maior de pessoas. Nas últimas décadas do século passado, as democracias neoliberais passaram a incorporar as novas tecnologias em suas políticas públicas para a educação. Primeiramente, os Estados do hemisfério norte, tradicionais fabricantes de tecnologia de ponta, e na esteira destas experiências governamentais, os países do sul geopolítico seguiriam o mesmo caminho. Novo Hamburgo, uma cidade dos confins da América do Sul, é um exemplo emblemático da materialização daquelas iniciativas que buscavam a inserção de computadores na escola pública brasileira. Os argumentos eram irrefutáveis: nossa civilização caminhava para mais uma revolução em seu inexorável

---

<sup>4</sup> Jornal diário produzido pelo Grupo Editorial Sinos- Novo Hamburgo — RS. Tiragem atual: 40.000 exemplares/dia. À época tratava-se do único jornal da Cidade.

<sup>5</sup> Iniciativa federal que se materializou através da implantação de centros-piloto responsáveis por pesquisas sobre o uso das tecnologias da informática no processo de ensino-aprendizagem. Tal iniciativa tinha como objetivo precípua “a obtenção de subsídios para o estabelecimento de uma política de utilização das tecnologias da informática educativa” (Andrade e Lima, 1993, p. 76), e efetivou-se naquelas universidades que já vinham desenvolvendo pesquisas neste novo campo, além de outras duas que não gozavam de experiências anteriores: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

processo histórico e nós precisávamos preparar as novas gerações para esta nova etapa evolutiva. Argumentos irrefutáveis, pelo menos a partir de racionalidades que tomam como algo axiomático um sentido teleológico para a história.

Como o parágrafo acima aponta, a questão da informatização da escola fundamental de Novo Hamburgo não é formulada em um vácuo histórico e social, mas, pelo contrário, pode ser compreendida a partir do conceito de fantasmagoria, desenvolvido por Giddens (1991):

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distante deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distantes que determinam sua natureza (Ibidem, p. 27).

Na era das máquinas inteligentes, das tecnologias da informação e da comunicação, época em que a existência de uma base material para processar informações (através da digitalização) é capaz de possibilitar formas de comunicação diferentes e de abrir novos espaços de comunicação coletiva (Lévy, 1999), é perfeitamente justificável que os leitores deste trabalho perguntem-se pela validade de voltar ao tempo das primeiras experiências com computadores e crianças na escola pública brasileira. Afinal, já que estamos vivendo um verdadeiro *boom* da educação a distância, com programas governamentais de amplitude nacional como TV Escola, Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo) e Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação) utilizando esta modalidade de ensino, não seria mais produtivo enveredar por esta seara?

Pode-se argumentar que formular problemas de pesquisa focalizando a educação a distância tem um caráter mais atual; que o tema sugere uma investigação acurada acerca de seus possíveis efeitos sobre a instituição escola, por conta, por exemplo, de uma redefinição da experiência de tempo e espaço dos indivíduos contemporâneos. Nesta modalidade de educação é a escola que se desterritorializa e com ela o confinamento, ou será que o confinamento se desloca para dentro de nossas casas? Quais são os efeitos destas mudanças sobre nossas práticas pedagógicas? Que relações entre professores/as, alunos e saberes podem estar sendo forjadas e que processos de subjetivação e de sujeição estariam sendo corporificados? Como isto tudo se conecta com formas de governamentalidade neoliberal contemporâneas? Como isto cabe na

reflexividade programática do neoliberalismo, como racionalidade política? Tais são algumas das questões que o tema nos convida a fazer.

Mas, mesmo a *top* educação à distância, tem uma genealogia. Ela se inscreve em um conjunto de novas práticas e processos pedagógicos gestados no amplo campo das relações entre a informática e a educação. Assim, deve suas condições de existência, por um lado, à fabricação de novos dispositivos telemáticos, quer dizer, ao que temos chamado, desenvolvimento das “novas tecnologias da informação e da comunicação” e, por outro lado, às experiências já desenvolvidas na educação escolarizada, com tecnologias bem mais rudimentares do que as hoje existentes. É uma das condições de possibilidade de uma dessas experiências que a pesquisa que deu origem a este trabalho investigou.

### **A cidade e as campanhas comunitárias**

As explicações para a precoce inserção (1985) de computadores no ensino fundamental de Novo Hamburgo se inscrevem em uma história de campanhas comunitárias na Cidade, encabeçadas pelo *Jornal NH*, onde o apelo a uma pretensa identidade cultural sempre foi central. Ao longo da investigação isolei uma narrativa sobre Novo Hamburgo onde um conjunto de significados é recorrente, é posto a circular através de enunciações que ligam a vida dos habitantes da Cidade a uma história comum. Em outras palavras, há uma proliferação discursiva sobre a natureza do povo hamburguense, sobre seu espírito empreendedor e vocacionado para o trabalho. Atributos que teriam sido herdados dos primeiros colonizadores alemães.

No seio de uma tradição de campanhas, desenvolvidas sob a tutela do *Jornal NH*, o discurso identitário é encapsulado no objeto *comunidade*, recorrentemente invocado nos textos jornalísticos. Pode-se afirmar que o discurso hegemônico, que ao longo do tempo vinha enunciando os vínculos identitários dos habitantes de Novo Hamburgo, é reorganizado pelo Jornal nos discursos das campanhas que instituem o objeto *comunidade*. E mesmo quando o Jornal passa em revista uma história de campanhas, cujo marco inicial seria o movimento pela conquista de telefones automáticos no início dos anos 1960, o faz como se desde sempre a noção de comunidade estivesse presente.

A campanha pela conquista do computador precisa ser situada dentro da história destas movimentações, todas contando com a participação ativa do *Jornal NH*. Assim, uma primeira aproximação com o *Projeto Agora* pode ser feita a partir da identificação

de estratégias discursivas comuns a outros empreendimentos, outras campanhas, desenvolvidas e registradas pelo *Jornal NH*, ao longo dos últimos quarenta anos, aliás, tempo de existência do Jornal.

Nos discursos das campanhas, *comunidade* pode ser tomada como um sistema de representação cultural. Ao longo dos anos, o *Jornal NH* tem recorrido a esta noção para legitimar as campanhas postas em curso no âmbito do Município. O *interesse comunitário* tem sido a justificativa mais notável para a adesão do Jornal a quaisquer destes movimentos. *Comunidade* parece consistir numa matriz de sentidos, uma entidade simbólica, um conceito síntese utilizado pelo Jornal, para “gerar um sentimento de identidade e lealdade” (Schwarz, *apud* Hall, 1997, p. 53) nos habitantes da cidade.

Entretanto, a noção de comunidade também é política, na medida em que estabelece um “novo território de administração da existência individual e coletiva, um novo plano ou superfície sobre o/a qual sejam conceituadas e administradas as relações micromorais entre as pessoas” (Rose, 1996, p. 331-332). Esta discussão é importante, considerando que ela traz à tona os vínculos com as racionalidades políticas contemporâneas que Rose (*op. cit.*) tem denominado de liberais avançadas. Mas comecemos com uma descrição das campanhas comunitárias a partir das estratégias representacionais que operam na sua produção no âmbito de Novo Hamburgo. Posteriormente voltarei a esses nexos com as racionalidades políticas.

A referência a uma história construída através de iniciativas comunitárias, graças a uma pretensa natureza empreendedora dos seus habitantes, é recorrente na Cidade, parecendo funcionar como uma espécie de mito de origem, uma narrativa mestra que é repetida, retomada, um discurso insistentemente reiterado, operando como um catalisador de uma identidade hamburguense. A esta identidade hamburguense é atribuído o mérito pelas históricas e cíclicas conquistas comunitárias. Na década de sessenta foram os telefones automáticos, depois a consolidação do município como capital nacional do calçado, seguindo-se a condição de grande pólo exportador. Na metade da década de oitenta, temos os computadores nas escolas públicas municipais; na década de noventa, o encampamento da Companhia Rio Grandense de Saneamento (Corsan), concomitantemente à instituição da Companhia Municipal de Saneamento (Comusa) e conseqüente administração da água pelo município. Muito recentemente

estiveram em curso três campanhas<sup>6</sup>, com a participação de diversos segmentos da “comunidade”: o Programa de retomada do desenvolvimento econômico de Novo Hamburgo —*Ação 21*<sup>7</sup>—, a instalação de “olhos eletrônicos” —câmaras de vídeo para a vigilância permanente no centro da cidade— com o intuito de diminuir o número de assaltos naquela região da cidade e uma “Cruzada contra as drogas”. Em todos estes empreendimentos, a comunidade é construída como o sentido último e, ao mesmo tempo, convocada a dar sua contribuição, e quando os objetivos são atingidos, atribui-se o mérito das conquistas à mobilização comunitária.

Assim, a noção de *comunidade* ocuparia uma centralidade no desenvolvimento de todas as campanhas ocorridas em Novo Hamburgo e que contaram com a participação do *Jornal NH*. A partir desta noção, a mídia, servindo-se de diferentes estratégias representacionais (Hall, 1997), tem vinculado as vidas individuais a um projeto comum, a uma história contínua de realizações e empreendimentos, supostamente produzidos pelo compartilhamento de um espírito comunitário. Neste processo discursivo, produz-se, a um só tempo, os objetos culturais *comunidade* e os *sujeitos comunitários*.

A construção/atualização de um discurso que afirma a existência de uma cultura comunitária em Novo Hamburgo resulta do acionamento de determinadas estratégias representacionais, similares àquelas descritas por Hall (1997) em sua análise das culturas nacionais como comunidades imaginadas<sup>8</sup>. Tais estratégias operam na construção de um senso comum acerca do pertencimento à comunidade hamburguense e têm sido capitalizadas pelo Jornal no processo de legitimação de qualquer campanha que conte com seu apoio. Vou destacar duas delas que me parecem centrais. Selecionei-as por seu poder de síntese e porque, de certa forma, reatualizam o recorrente e emblemático discurso sobre a identidade hamburguense.

A primeira destas estratégias consiste na existência de uma *narrativa da comunidade*, posta a circular na mídia local, no sistema de ensino, nas instituições públicas da Cidade, nas entidades patronais, etc. Tal narrativa fornece uma série de

---

<sup>6</sup> Elas tiveram seu início nos anos finais do século XX.

<sup>7</sup> Este programa desenvolvido em parceria com o Grupo Editorial Sinos, Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo (ACINH), Centro Universitário Feevale e Prefeitura Municipal, objetiva tornar Novo Hamburgo, até 2005, “um pólo econômico diversificado e desenvolvido tecnologicamente, capacitado a integrar-se à economia globalizada, com índices de desenvolvimento econômico acima da média dos existentes em 1998” (Disponível em <[http://www.acao21.sinos.net/index\\_apresenta.html](http://www.acao21.sinos.net/index_apresenta.html)>. Acesso em: 20 nov. 2002).

<sup>8</sup> Esta temática é desenvolvida a partir do conceito de “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson (1989).

materiais (imagens, eventos históricos, rituais, símbolos) que produzem representações de experiências comuns e dão sentido à comunidade (cf. Hall, 1997). Esta estratégia faz o vínculo entre passado e presente, enfatizando a tradição e a herança, a “*continuidade*, de forma que nossa cultura política presente é vista como o florescimento de uma longa e orgânica evolução” (Schwartz, *apud* Hall, 1997, p. 57).

A segunda estratégia utilizada pelo Jornal é a *ênfase nas origens*, que opera um apagamento das diferenças sociais, culturais, étnicas constitutivas da população de Novo Hamburgo. Esta estratégia, dependente da primeira, postula que os verdadeiros atributos da identidade hamburguesa precedem e ultrapassam qualquer mudança histórica e estrutural da Cidade. Não se trata de afirmar que os habitantes tenham uma natureza biológica singular, não há uma narrativa de um povo puro ancestral sendo veiculada pela imprensa, antes seríamos herdeiros de um *espírito comunitário*, produzido pelos pioneiros, e responsáveis por sua perenidade. A nós, *sujeitos comunitários*, caberia honrar o passado e seguir nossa vocação realizadora, nossa tendência ao desenvolvimento, ao progresso através do trabalho.

É certo que a idéia de *comunidade* encontra proveniências na tradição cultural germânica, aceita como precursora de civilidade nesta região, considerada berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Entretanto, ainda que os núcleos habitacionais primevos pudessem corporificar este sentimento de comunidade, sustentado por relações face a face, por uma etnia comum, por narrativas raciais e um idioma compartilhado, mas e, basicamente, como forma de salvaguardar uma identidade cultural de origem européia, há muito Novo Hamburgo deixaria de ser uma aldeia em termos físicos e populacionais<sup>9</sup>. As profundas transformações urbanas, as diferenças culturais e de classe que caracterizam a população da Cidade, têm sido invisibilizadas pela mídia e pela administração pública. E, quando não se pôde mais ignorar os efeitos de um cinturão de pobreza produzido nos anos de ouro da exportação de calçados, basicamente por indivíduos oriundos do êxodo rural, o sentimento de *comunidade* atua, através de personalidades públicas, sugerindo a construção de pórticos com guaritas para a triagem de não-hamburgueses, de forma a impedir seu estabelecimento nos limites do município.

---

<sup>9</sup> Já na década de sessenta, por ocasião da campanha pelos telefones automáticos, Novo Hamburgo contava com aproximadamente 70 mil habitantes e a campanha desenvolvida, sob a coordenação do *Jornal NH*, postulava o recebimento de 1.100 novas linhas.

Desta forma, em suas estratégias de legitimação das campanhas, parece que o *Jornal NH* atualiza formas pré-modernas de lealdade e identificação, na medida em que utiliza a noção de *comunidade* para produzir um pretense e transcendente vínculo entre os indivíduos que compõem a população da região de Novo Hamburgo. Assim fazendo, coloca em circulação determinadas representações com as quais a população tem sido conclamada a se identificar ao longo do tempo.

Em termos mais políticos, a noção de comunidade<sup>10</sup> expressaria uma nova territorialização do pensamento e das práticas políticas, que estaria suplantando o social como campo privilegiado de cálculo e intervenção das estratégias de governo (cf. Rose, 1996). Quando o Jornal passa a se referir à Cidade como uma comunidade, ele estabelece um novo campo suscetível à intervenção, um novo território caracterizado por “uma nova relação entre as estratégias de governo dos outros e as técnicas de governo de si, situadas em novas relações de mútua obrigação” (ibidem, p. 331). A noção de comunidade estaria fortemente vinculada a uma categorização dos sujeitos a partir de seus laços morais, “sujeitos da fidelidade a um conjunto particular de valores, crenças e compromissos da comunidade” (ibidem).

Neste sentido, a noção de comunidade, contraposta à abstração sociedade, implicaria na valorização dos vínculos entre os sujeitos de um certo território. Mas como Rose (op. cit.) aponta, ela é mais do que a redefinição de um território de governo, é também “os meios de governo: seus laços, vínculos, forças e afiliações devem ser celebrados, estimulados, nutridos, moldados e instrumentalizados na esperança de produzir-se conseqüências desejadas para todos e para cada um” (ibidem, p. 335).

Assim, as campanhas de população desenvolvidas ao longo das últimas décadas do século passado em Novo Hamburgo, enquanto tecnologias biopolíticas (Foucault, 1999a, 1999b), enquanto investimentos de poder sobre a população, estão vinculadas a uma certa racionalidade governamental, a uma certa forma de conduzir as condutas dos indivíduos a partir de suas liberdades. E o discurso interpelativo que aciona o desejo de pertencer, de fazer parte disto que a noção de comunidade instaura, seria absolutamente central na campanha jornalística *Projeto Agora*. Funcionando como um aparato

---

<sup>10</sup> Rose (1996, p. 332) afirma que “o termo comunidade, de fato, há muito tem sido destaque no pensamento político; torna-se tema de governo, no entanto, quando se torna técnico. Em torno dos anos 1960, a comunidade já era aclamada pelos sociólogos como possível antídoto à solidão e isolamento do indivíduo gerados pela ‘sociedade de massa’. Esta idéia de comunidade enquanto autenticidade perdida e pertença comum foi inicialmente disposta no campo social como parte da linguagem de crítica e oposição dirigida à distante burocracia.”

discursivo estratégico, a campanha produziria as justificativas para a informatização da Cidade e legitimaria os investimentos sobre a escola fundamental.

### **Da institucionalização**

Antes de entrar propriamente nos investimentos do *Projeto Agora* na educação de Novo Hamburgo, vou destacar algumas tentativas de demarcar o pioneirismo da Cidade no campo da informática. Isto é, iniciativas mais amplas que dariam visibilidade à região, que colocariam Novo Hamburgo em um lugar de destaque no mapa do Brasil. Podemos chamar de *vontade de pioneirismo* a uma certa vontade de poder manifestada através de enunciações reiteradas de iniciativas inéditas que, segundo o *Jornal NH*, têm caracterizado a trajetória da Cidade. No meu entendimento, estes discursos que produzem Novo Hamburgo como um lugar empreendedor e exemplar para a nação é uma característica editorial do próprio Jornal. É um produto do órgão de imprensa, que a partir de 1960 entra na vida pública da Cidade, investindo na afirmação de uma “história de realizações” e no estabelecimento de vínculos micromorais entre seus habitantes.

Apenas dois meses depois de iniciada a campanha, a coordenação do *Projeto Agora* estava discutindo com a prefeitura municipal a criação de um Conselho Municipal de Informática. Segundo os secretários municipais envolvidos na articulação, isto seria uma maneira de o poder público participar do “movimento desencadeado pelo *Jornal NH* e que visa a popularização do computador<sup>11</sup>”. As tratativas neste sentido foram bastante rápidas, pois um mês depois deste encontro, o prefeito municipal enviaria à câmara de vereadores “projeto de lei criando o Conselho Municipal de Informática<sup>12</sup>” que, caso fosse aprovado, seria “mais uma iniciativa pioneira a nível nacional de Novo Hamburgo<sup>13</sup>”. A iniciativa mereceu manchete na capa do Jornal.

Ao que tudo indica, houve problemas no projeto, pois em setembro ele ainda estaria tramitando na câmara e, ao que parece, seria engavetado sem nenhuma manifestação pública. Entretanto, enquanto estava em discussão a criação do Conselho Municipal, um deputado estadual hamburguense, notável pela quantidade de projetos recusados por inconstitucionalidade<sup>14</sup> “sugere a criação de uma entidade semelhante a nível estadual. Com um projeto de lei de apenas cinco artigos, (...) submete à aprovação

---

<sup>11</sup> *Jornal NH*, 12 jul. 1984, p. 2.

<sup>12</sup> *Idem*, 15 ago. 1984, p. 2.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 1.

da Assembléia legislativa a formação do Conselho Especial de Informática do Estado —CEIE<sup>15</sup>”.

Outra iniciativa da campanha consistia em sediar o lançamento, no Rio Grande do Sul, do Projeto Cirandão da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel). O projeto da Embratel era “criar uma rede de intercomunicação entre computadores, em todo o Brasil<sup>16</sup>”, de forma que os usuários pudessem acessar “um Banco de Dados rico em informações de áreas muito diversificadas, que vão de receitas de cozinha a textos científicos<sup>17</sup>”. Além do acesso a este banco de dados, o sistema proporcionaria “a possibilidade de intercomunicação através de caixas postais eletrônicas, que permitirão comunicações mais ágeis do que as já existentes<sup>18</sup>”. O *Projeto Agora* estava, pois, reivindicando que Novo Hamburgo fosse a primeira cidade do estado a participar do que hoje conhecemos por internet. Os argumentos para a solicitação junto à Embratel foram “o trabalho pioneiro realizado pelo *Jornal NH* para a difusão da informática, através do Projeto Agora. Naturalmente, também pesou, (...) a situação invejável da região do Vale do Sinos em termos de atividade econômica, hoje no país<sup>19</sup>”.

Se estas tentativas não chegaram a ser materializadas, o mesmo não se pode dizer quando voltamos nosso olhar para as instituições educacionais da Cidade. Em julho de 1984, a Feevale<sup>20</sup> e a coordenação do *Projeto Agora* estabeleciam os primeiros contatos com professores da área da informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) “para definir o caminho a ser percorrido para que a Feevale possa criar cursos nesta área, de forma a acelerar e qualificar a assimilação da nova e revolucionária tecnologia em Novo Hamburgo e no Vale do Rio dos Sinos<sup>21</sup>”.

Um mês após, mais uma manchete de primeira página no *Jornal NH*: “Pioneirismo nacional: o computador na educação<sup>22</sup>”. O *Projeto Agora* havia doado um computador à Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Semec). Uma ampla foto retrata a solenidade de doação da máquina e a matéria dá conta de que se trata da

---

<sup>14</sup> *Jornal NH*, 10 set. 1984, p. 2.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *Idem*, 6 jul. 1984, p. 2.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo, atual Centro Universitário Feevale.

<sup>21</sup> *Jornal NH*, 6 jul. 1984, p. 2.

<sup>22</sup> *Idem*, 14 ago. 1984, p. 1.

“primeira secretaria do interior do país a entrar para a era da informática<sup>23</sup>”. O computador, que serviria “para múltiplas atividades junto à Semec<sup>24</sup>”, logo estaria sendo dirigido para “pesquisas pioneiras sobre a utilização do computador na alfabetização, com base nas teses de Jean Piaget e nas propostas educacionais de Paulo Freire<sup>25</sup>”. O fato de a pesquisa ser desenvolvida na Cidade é apresentado como uma consequência natural de uma série de fatores articulados:

Não é por acaso que Novo Hamburgo surge de novo como cidade pioneira no Brasil. Vários fatores se combinaram. O Projeto Agora, que visa a popularização do computador na cidade, é uma iniciativa única no país, embora representantes de outros municípios brasileiros já tenham vindo se informar sobre ele, para reproduzi-lo. Seus integrantes, desde o início, apostavam que o computador poderia contribuir decisivamente para enfrentar os problemas educacionais. Carlos Alberto Farina, atual diretor da Micromega, por exemplo, afirmava constantemente que a informática contaria para erradicar o analfabetismo do país<sup>26</sup>.

Pouco tempo depois, a secretaria receberia uma impressora doada por empresas “para registrar cada passo da pesquisa<sup>27</sup>” e a Feevale um “computador SID para o seu CPD<sup>28</sup>”, doado pelo *Projeto Agora*. Através da Feevale, a coordenação da Campanha esperava “a formação de pessoas capazes de desenvolver a tecnologia do uso do computador, programadores que tornem a região independente em termos de ‘software’<sup>29</sup>”. Além destas doações materiais, investia-se no ensino médio através da Fundação Liberato, onde o *Projeto Agora* gestionava a implantação de “curso técnico de microeletrônica já em 1985<sup>30</sup>”. Apesar do tempo exíguo, o *Projeto Agora* se propunha a colaborar na montagem do currículo do novo curso e na obtenção de recursos para a compra dos equipamentos<sup>31</sup>. Na escola de ensino médio da rede privada, era fato consumado, em 1985 a Fundação Evangélica<sup>32</sup> “inclui a informática em seu currículo escolar<sup>33</sup>”. Afinal, adotando esta medida “certamente inédita em escolas do

---

<sup>23</sup> *Jornal NH*, 14 ago. 1984, p. 2.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>25</sup> *Idem*, 17 set. 1984, p. 2.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> *Idem*, 28 dez. 1984, p. 1.

<sup>28</sup> *Idem*, 18 set. 1984, p. 1.

<sup>29</sup> *Idem*, 22 out. 1984, p. 2.

<sup>30</sup> *Idem*, 5 nov. 1984, p. 2.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

<sup>32</sup> A Fundação Evangélica era, à época, uma escola de ensino médio. Sua mantenedora, Instituição Evangélica, mantém uma rede de escolas luteranas na Cidade.

<sup>33</sup> *Jornal NH*, 15 nov. 1984, p. 1.

Estado, a Fundação está atendendo uma necessidade atual do ensino. ‘ Isto é, preparar para o trabalho’<sup>34</sup>”.

Os prognósticos otimistas e as reportagens focalizando eventos sobre o uso de computadores na educação, desde então, povoariam as páginas do Jornal: “em quatro anos teremos 11 mil crianças manipulando o computador em nossas escolas<sup>35</sup>”; especialista em informática na educação fará palestra para professoras municipais sobre “Jean Piaget e o computador na educação<sup>36</sup>”, pois a Semec já enviara à Brasília um projeto “que, caso aprovado, destinará doze computadores para aprendizagem do aluno<sup>37</sup>”.

O referido projeto, que pleiteava 170 milhões de cruzeiros junto ao Ministério de Educação e Cultura (MEC), seria aprovado em dois meses. Na primeira página do Jornal, a manchete: “Semec terá 12 computadores para as escolas municipais<sup>38</sup>”. Na matéria, na editoria Geral, à página 6, a expectativa de que os computadores beneficiem 12 mil crianças<sup>39</sup>. As palavras do titular da Secretaria não deixavam dúvidas quanto aos impactos sociais que a inserção de computadores nas escolas municipais viriam a produzir: “Agora eu sei o que será destas 12 mil vidas; porque elas terão oportunidade de competir no mercado de trabalho. O acesso ao computador as tornará capazes de acompanhar o desenvolvimento da sociedade<sup>40</sup>”.

Assim, menos de um ano depois de lançada a campanha comunitária *Projeto Agora*, Novo Hamburgo estaria “totalmente servida no que diz respeito à era da informática<sup>41</sup>”, afinal os três níveis de ensino seriam contemplados:

[...] alunos de primeiro grau terão os primeiros contatos com o computador, na Secretaria de Educação e Cultura; a nível de segundo grau, a Liberato oferece o curso de eletrônica voltada à informática (na área de hard-hare (*sic*) —técnicos de manutenção), a Fundação Evangélica oferece Eletrônica (programação de computadores), e a nível de terceiro grau, a Feevale oferece curso que capacita técnicos a projetarem a máquina<sup>42</sup>.

Os argumentos para a informatização das escolas eram insofismáveis, afinal “o mundo está se informatizando, e nós precisamos acompanhar o desenvolvimento<sup>43</sup>”, e

---

<sup>34</sup> *Jornal NH*, 15 nov. 1984, p. 1.

<sup>35</sup> *Idem*, 24 set. 1984, p. 2.

<sup>36</sup> *Idem*, 28 fev. 1985, p. 5.

<sup>37</sup> *Ibidem*.

<sup>38</sup> *Idem*, 18 mar. 1985, p. 1.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

quanto à alegação de que os computadores podem provocar desemprego, “a verdade é que todos da sociedade precisarão, futuramente, não de mão-de-obra, mas de cérebros pensantes<sup>44</sup>”, logo, a escola tem a incumbência de “preparar as crianças de hoje para assumirem esta realidade futuramente<sup>45</sup>”.

Com a inauguração do Centro de Preparação e Iniciação à Ciência da Informática (CEPIC), localizado em uma ampla sala na Semec, Novo Hamburgo entraria na história, pois “este centro é o primeiro, no Brasil, em que os computadores, além de serem utilizados para educação de crianças de primeiro grau, em alguns casos de alfabetização, estão à disposição de crianças das classes sociais desfavorecidas<sup>46</sup>”. Além disso, salienta-se que se trata da primeira cidade onde se democratiza, efetivamente, a oportunidade de conviver com uma tecnologia moderna. “Quando esta tecnologia é a informática, que está revolucionando o mundo moderno, é difícil perceber o alcance do que está acontecendo em nossa cidade. O tempo, com toda certeza, dirá<sup>47</sup>”.

Quando da inauguração do centro de iniciação à informática, o *Jornal NH* dedica uma página inteira ao evento na sua editoria Geral, afirmando que o “espírito comunitário tornou possível este grande passo<sup>48</sup>”, que se trata de uma realização em que uma série de fatores confluíram, mas que foi, basicamente uma “conquista da comunidade<sup>49</sup>”, uma questão de predisposição e iniciativa:

Na verdade mesmo, tudo começou porque Novo Hamburgo reuniu uma série de fatores que, combinados, permitiram que se desse este passo importantíssimo, de relevância histórica para o país inteiro. De um lado havia o Projeto Agora, iniciativa do NH que mobilizou a comunidade em torno da urgente necessidade de evoluir tecnologicamente, especificamente no campo da informática. Além disso, a cidade tem a boa graça de ter empresários dotados de elevada consciência comunitária. Por outro lado, a linguagem logo, apresentada a Novo Hamburgo pela professora Léa Fagundes, tem o mesmo fundamento pedagógico que a linha adotada (...) pelo secretário municipal de educação e cultura. (...) Juntando a isto tudo uma vontade irrequieta de realizar, explica-se o que está acontecendo em Novo Hamburgo<sup>50</sup>.

Na solenidade de inauguração do centro, o discurso oficial da Semec afirmava que os objetivos do centro de iniciação à informática eram “a igualdade de

---

<sup>44</sup> *Jornal NH*, 18 mar. 1985, p. 6

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> *Idem*, 31 maio 1985, p. 8.

<sup>47</sup> *Ibidem*.

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> *Ibidem*.

<sup>50</sup> *Ibidem*.

oportunidades na preparação técnica e adequação das novas gerações aos modernos processos tecnológicos<sup>51</sup>”. O centro atenderia “2 mil crianças por ano, ‘não para preparação de mão-de-obra, mas de *cérebros-de-obra*<sup>52</sup>”.

### **Considerações finais**

Novo Hamburgo queria ser um novo *Silicon Valley*? A *Capital Nacional do Calçado* queria se tornar a *Capital Nacional da Informática*? Com toda a sua experiência fabril, com o celebrado espírito empreendedor e a histórica vocação para o trabalho de sua comunidade, se trataria “apenas” de investir na educação das novas gerações, na produção de subjetividades sintonizadas com as novas configurações econômicas e sociais, que viriam a ser estabelecidas por conta da informatização das sociedades contemporâneas. Assim, havia a perspectiva de, em muito pouco tempo, Novo Hamburgo estar “oferecendo uma grande contribuição à educação do país<sup>53</sup>”. Depois, a forma como o centro de iniciação à ciência da informática estruturou o atendimento às crianças, que apesar de mantido pela poder público municipal era aberto às três redes de ensino, dá conta da amplitude alcançada, dos significados que a informática na educação assumia para a Cidade.

Quando se analisa com mais detalhes o que se disse sobre os computadores na educação, quando a atenção se volta para os discursos e as práticas que estabeleceram o funcionamento do centro de iniciação à informática, percebe-se que, ao se colocarem crianças em contato com computadores, o que se fazia era utilizá-los no ensino como tecnologias intelectuais (cf. Rose, 2001), isto é, buscava-se uma transformação do intelecto das novas gerações para atingir aqueles objetivos estabelecidos pela Campanha. Um mundo onde os computadores estivessem disseminados, popularizados, exigiria sujeitos capacitados para viver harmoniosamente neste mundo. Uma cidade informatizada exigiria a produção de uma população alfabetizada em informática, exigiria a produção de sujeitos que, a partir do estabelecimento de uma nova relação consigo mesmos, pudessem atender as demandas de uma cidade informatizada, em todas as dimensões almejadas no projeto de se conquistar o computador. Em outros termos, exigiria a produção de um *eu informatizador*, de uma subjetividade capaz de conhecer, utilizar e, quem sabe, produzir tecnologia. A produção desta subjetividade

---

<sup>51</sup> *Jornal NH*, 3 jun. 1985, p. 25.

<sup>52</sup> *Ibidem*. Grifo meu.

<sup>53</sup> *Ibidem*. Grifo meu.

era, pois, uma questão de governo, uma questão de “gerenciamento calculado das questões de cada um e de todos a fim de se alcançar certos objetivos desejáveis” (Rose, 2001).

Talvez se possa afirmar que a informatização da escola fundamental de Novo Hamburgo nos anos 1980 se constituiu menos como um problema de educação e muito mais como uma questão de regulação econômica. Na medida em que se concebe a informática nas escolas como uma adequação a uma postulada nova era, como o atendimento às demandas dos sistemas produtivos redefinidos pelas tecnologias da informação e da comunicação, esmaece a idéia de uma *Bildung*, e emerge pragmaticamente a necessidade de se produzir *cérebros-de-obra*.

A campanha jornalística *Projeto Agora* não conseguiu transformar Novo Hamburgo em pólo produtor de tecnologia de base microeletrônica, mas seus investimentos sobre a educação pública acabaram garantindo, em um primeiro momento a criação do Centro de Preparação e Iniciação à Ciência da Informática (CEPIC), e nos anos seguintes um processo de descentralização corporificado em subcentros de informática em diferentes escolas localizadas em todos os bairros da Cidade. Assim, desde cedo o CEPIC acabaria sendo considerado, pelo Ministério da Educação, referência no campo da informática educativa, inspirando a concepção do projeto CIED (1987), que visava “a implantação de centros de informática educativa para atendimento às escolas de 1º e 2º graus da rede pública” (Moraes, 1997, p. 12).

### Referência bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989. 191 p.
- ANDRADE, Pedro F. de; LIMA, Maria C. M. de A. *Projeto Educom*. Brasília: MEC/OEA, 1993. 304 p.
- BRETON, Philippe. *História da informática*. São Paulo: UNESP, 1991. 260 p.
- DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo: UOL, 2002. *CD-ROM*.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.
- FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: \_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. p. 285-315.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução Maria T. C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b. 152 p.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz F. B. Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000. 239 p.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991. 177 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. 108 p.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

MORAES, Maria C. Informática educativa no Brasil: uma história vivida, algumas lições aprendidas. (1997) <http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/nr1/mariacandida.html>. Acesso em: 20 dez. 2003.

ROSE, Nikolas. The dead of the social? Re-figuring the territory of government. *Economy and Society*. London School of Economics and Political Science. London: v. 3, n. 25, p. 327-356, august 1996.

\_\_\_\_\_. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org. e Trad.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SELBACH, Jeferson F. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. 370 p.

VEIGA-NETO, Alfredo. *A Ordem das disciplinas*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

VEYNE, Paul M. Foucault revoluciona a história. In: \_\_\_\_\_. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Tradução Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982. p. 149-198.